

Núcleo de *Integração*

Prática Orientada: planejamento na escola





**A PRÁTICA PEDAGÓGICA ORIENTADA:
PROCEDIMENTOS DE ESTUDO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Ronaldo Tadeu Pena
Reitor

Heloisa Maria Murgel Starling
Vice-Reitora

Pró-Reitoria de Graduação

Mauro Mendes Braga
Pró-Reitor

Carmela Maria Polito Braga
Pró-Reitora Adjunta

Maria do Carmo Vila
Coordenadora do Centro de Apoio à Educação a Distância

Ione Maria Ferreira de Oliveira
Coordenadora da UAB UFMG

Faculdade de Educação

Antônia Vitória Soares Aranha
Diretora

Orlando Gomes de Aguiar Júnior
Vice-Diretor

Curso de Pedagogia UAB-UFMG

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Coordenadora Geral

Tânia Margarida Lima Costa
Vice-Coordenadora Geral

Sérgio Dias Cirino
Coordenador do Eixo Integrador



**Ceris Salete Ribas da Silva
Maria Lúcia Castanheira**

A PRÁTICA PEDAGÓGICA ORIENTADA: PROCEDIMENTOS DE ESTUDO

**Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Tânia Margarida Lima Costa
(organizadoras)**

**Belo Horizonte
CURSO DE PEDAGOGIA UAB UFMG
FAE/UFMG
2009**

ORGANIZADORAS Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Tânia Margarida Lima Costa

ASSESSORA PEDAGÓGICA Elza Vidal de Castro

REVISORA Maria Ribeiro dos Santos

PRODUTOR EDITORIAL Marcos Alves
Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

© 2009, Os autores e organizadores

© 2009, Curso de Pedagogia UAB UFMG

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do editor.

Ficha Catalográfica

S586p

Silva, Ceris Salete Ribas da.

A prática pedagógica orientada : procedimentos de estudo / Ceris Salete Ribas da Silva, Maria Lúcia Castanheira ; Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben, Tânia Margarida Lima Costa (organizadoras). – Belo Horizonte : UFMG, Faculdade de Educação, 2009.

40 p. – (Núcleo de integração)

Obra produzida para o curso de Pedagogia da Universidade Aberta da UFMG.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-99372-94-4

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Professores -- Formação.
I. Castanheira, Maria Lúcia. II. Dalben, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. III. Costa, Tânia Margarida Lima. IV. Título. V. Série.

CDD: 370.7

CDU: 37.012

Elaborada pela DITTI – Setor de Tratamento da Informação
Biblioteca Universitária da UFMG

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
Curso de Pedagogia UAB UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
31270-901 - Belo Horizonte-MG
Tel. 31 3409-7477

A PRÁTICA PEDAGÓGICA ORIENTADA: PROCEDIMENTOS DE ESTUDO

AUTORAS

Ceris Salete Ribas da Silva

Possui graduação em Pedagogia pelo Instituto de Educação de Minas Gerais (1982), graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1983), mestrado e doutorado em Educação - Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG (1995)(2003). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - Ceale. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de professores, atuando principalmente nos seguintes temas: alfabetização e letramento, formação de professores, ensino e aprendizagem, políticas educacionais e livros didáticos de alfabetização.

Maria Lúcia Castanheira

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1985), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991), doutorado pela University Of California, Santa Barbara (2000) e pós-doutorado em Lingüística Aplicada pela PUC/SP (2004-2005). É professora nos cursos Graduação e Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG da Universidade Federal de Minas Gerais. Seus projetos de pesquisa e ação educacional integram as atividades do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale/FAE/UFMG). Com formação nas áreas de educação, cultura e linguagem, desenvolve pesquisas de natureza etnográfica sobre práticas de letramento escolares e não escolares. Seu interesse em pesquisa, sustentado por reflexões teórico-metodológicas, está nos seguintes temas: práticas de leitura e escrita em meios populares, letramento e alfabetização, interação em sala de aula, inclusão e identidades. Esses estudos têm como orientação geral buscar compreender como oportunidades de aprendizagem são discursivamente construídas em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, busca-se apreender o que os participantes de certos grupos sociais (por exemplo, uma classe escolar ou uma família) podem conhecer e aprender sobre a escrita ao participarem de práticas discursivas e de letramento desenvolvidas nesses grupos ao longo do tempo. Nesses estudos busca-se, ainda, apreender os significados do letramento para diferentes grupos sociais, bem como as relações de continuidade e descontinuidade entre essas práticas e suas conseqüências para a vida dessas pessoas na escola e fora dela.

EMENTA

Importância da Prática Educativa Orientada na formação inicial do educador. Procedimentos investigativos. Elementos teóricos que estruturam a prática pedagógica.



● ● ● ● ● ● SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A INVESTIGAÇÃO: UM ELEMENTO IMPORTANTE PARA REFLEXÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	12
1.1 Prática Pedagógica Orientada	13
1.2 Os eixos organizadores da prática de estudo do professor em formação	14
1.3 O planejamento e a organização para a coleta de dados na escola	15
1.3.1. A proposição de um tópico ou um problema para estudo da prática pedagógica	16
1.3.2. O trabalho de campo	17
1.3.3. A coleta de dados e informações sobre o tópico a ser estudado	18
1.3.4. A análise das informações coletadas	21
1.3.5. A elaboração de um portfólio	22
2. SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	23
3. ASPECTOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA A SEREM INVESTIGADOS	25
3.1. A estrutura e organização da prática pedagógica	25
3.1.1. O conhecimento a ser ensinado	25
3.1.2. As regras de transmissão dos conhecimentos	26
3.2. A seleção e a elaboração de atividades	28
3.2.1. As regras de conduta dos sujeitos na sala de aula	30
3.2.2. O espaço da prática pedagógica	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
5. REFERÊNCIAS	35
ORIENTAÇÃO DE ESTUDO	37
ESTUDO COMPLEMENTAR	39



INTRODUÇÃO

Para o estudo da Disciplina Práticas Pedagógicas Orientadas para o Ensino Fundamental, apresentamos uma proposta investigativa e reflexiva para a formação do professor a fim de que os futuros professores desenvolvam sua formação inicial, vivenciando experiências em sala de aula e refletindo sobre elas. Esperamos que, assim, esta proposta contribua, de fato, para a atuação dos profissionais da educação.

Sendo assim, para atingir os objetivos deste estudo, trabalharemos, articuladamente, a teoria e a prática: de um lado, procuraremos compreender a prática pedagógica dos professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental; de outro, a maneira pela qual essa compreensão pode ser traduzida em saberes, competências e condutas em sala de aula. Além disso, nosso trabalho deverá possibilitar ao professor-aluno refletir a a formação do professor e analisar sistematicamente, as experiências vividas nas escolas em estudo. Essa ideia apoia-se no pressuposto de que na vida profissional o professor defrontará com diversas situações e desafios para os quais não será possível encontrar respostas imediatas. Por isso, insistimos na idéia de desenvolver atitude reflexiva diante da prática profissional, nos termos definidos por Shön e Gómez (92):

“A prática passa a ser o eixo do currículo do professor, de modo que possa desenvolver capacidades e competências de reflexão e conhecimento nas ações que realiza. Nessa perspectiva, nega-se a separação artificial entre teoria e prática no âmbito da formação profissional, pois é somente a partir de problemas concretos que o conhecimento acadêmico teórico pode tornar-se útil e significativo para os profissionais da educação” (GOMEZ, 1992, p.111).

Para desenvolver o trabalho, segundo essas perspectivas teóricas, articularemos os conteúdos abordados em cada texto que compõe esta disciplina. Nesses textos, discutiremos os diversos problemas práticos que fazem parte da realidade das escolas públicas.

Outro aspecto importante deste estudo, é que, procuraremos articular as práticas pedagógicas com as questões atuais que envolvem o ensino, como o fracasso na escola pública (campo da atuação profissional). Assim, juntos, discutiremos uma série de competências a serem adquiridas pelos professores da educação básica, a saber:

- quando se fala de fracasso na educação básica, está se referindo a que conteúdos ensinados pela escola?
- quais são os indicadores de qualidade que definem, atualmente, o fracasso na educação no país?
- como deve se organizar a prática pedagógica dos professores das séries iniciais?

- como fazer para que os alunos gostem de estudar e aprendam o que lhes é ensinado?
- como trabalhar considerando as diferenças de aprendizagem dos alunos?
- que tipo de metodologia pode ser utilizada para promover a aprendizagem dos alunos?

A partir desse questionamento, proporemos aos professores:

- conhecer os elementos que estruturam a organização da prática pedagógica;
- observar a realização dessa prática na sala de aula;
- refletir sobre os desafios enfrentados pelos professores na sala de aula;
- propor algumas alternativas pedagógicas para os problemas encontrados.

Para alcançar esses objetivos, faremos o estudo dos textos que fundamentam o programa desta disciplina, abordando temáticas diferenciadas sobre a organização da prática de sala de aula e utilizando diferentes procedimentos de investigação sobre alguns dos principais aspectos estruturantes da prática, uma vez que, juntas, a teoria e a prática contribuirão para a formação dos alunos. Assim, proporemos cada texto, em tópicos para o aprofundamento dos eixos que fundamentam a organização da prática de sala de aula e, ao mesmo tempo, orientações de entrevistas para a reflexão das diferentes dimensões que envolvem a prática dos professores no dia a dia das turmas de alunos do ensino fundamental.

Outro ponto-perspectiva importante do desenvolvimento desta disciplina é articular o estudo sobre a prática da sala de aula com os diversos componentes abordados em outras áreas pedagógicas (principalmente as que tratam das questões ligadas ao ensino e à aprendizagem).

Por isso, o ponto de partida deste estudo, serão as perguntas que os alunos do curso de Pedagogia geralmente, fazem, ao observar o trabalho realizado, em uma turma de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental:

- como o professor planeja o seu trabalho, define metas de aprendizagem e organiza os conteúdos ao longo do ano letivo?
- quais as formas de organização dos alunos – ora com toda a turma, ora com grupo (às vezes, homogêneos, outras vezes, heterogêneos)?
- como ele avalia as crianças e define se elas estão aptas ou não para atingir as fases posteriores?
- como ele seleciona e elabora atividades que, de fato, contribuem para os alunos avançarem em sua aprendizagem?

Por essas razões, o primeiro texto tratará, tanto das questões que envolvem a organização da prática pedagógica quanto dos procedimentos que deverão ser adotados para o estudo e investigação da prática na escola, pois consideramos a investigação uma atividade fundamental na formação do professor. Para isso, o texto está organizado em três capítulos:

- 1ª - A importância da prática educativa: procedimentos para a formação inicial;
- 2ª - Procedimentos para a observação da prática realizada pela escola;
- 3ª - Apresentação dos elementos que estruturam a prática pedagógica.

Para tanto, perseguimos os seguintes objetivos específicos:

- discutir a importância da prática educativa como elemento da formação do professor;
- pensar numa postura a ser adotada diante da prática realizada pela escola;
- apresentar os aspectos que organizam a prática pedagógica e que serão objeto de estudo ao longo desta formação.

1. A INVESTIGAÇÃO: UM ELEMENTO IMPORTANTE PARA REFLEXÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Iniciaremos a abordagem deste tema, apresentando algumas atividades que contribuirão para o entendimento das colocações que faremos em seguida.

Atividade 1

A) Leia, a seguir, os dois depoimentos relativos a declarações de alunos do curso de Pedagogia da UFMG sobre suas experiências na observação da prática pedagógica realizada em escolas públicas de Belo Horizonte. Identifique, ao longo da leitura, os principais aspectos dessa realidade escolar que mais lhe chamaram a atenção em termos de contribuição para a formação desses alunos.

B) Releia os depoimentos e identifique os aspectos da prática pedagógica que os alunos destacaram como elementos importantes da ação realizada pelos professores.

Depoimento 1

“Estar em uma escola, acompanhar de perto como se realiza o cotidiano de uma sala de aula foi para mim uma experiência que trouxe diferentes sensações. Ora eu sentia medo por saber que futuramente serei eu que estarei naquela posição, ora sentia-me capaz, confiante de que poderia ser uma boa professora. Percebi que o trato com as diferentes situações do cotidiano da sala de aula exige dos professores mais que um saber acadêmico, exige também um “jogo de cintura”, uma experiência que só se adquire na própria prática. O contato com a escola, com a prática de sala de aula permite aos futuros professores refletir sobre os desafios da prática e, mais que isso, é uma oportunidade para se pensar a própria profissão.”

Depoimento 2

“A experiência de ir à escola e fazer observações orientadas é muito enriquecedora, principalmente para os alunos que ainda não desempenham a profissão. Nos primeiros dias, fiquei insegura, pensava que, se estivesse no lugar da professora, não seria capaz de controlar todos aqueles alunos. Com o tempo, fui aprendendo a não ficar tão imobilizada diante dos alunos e descobri um modo particular de olhar o trabalho. Foi a partir desse momento que consegui identificar e analisar diferentes aspectos da organização do trabalho do professor: como o tempo em sala de aula organiza e interfere em suas ações; como ele desenvolve diferentes dinâmicas e atividades; como organiza os alunos e define regras para a convivência e a realização das propostas de trabalho. Todos esses aspectos fizeram-me pensar na minha prática futuramente. Chamou-me particular atenção o modo como a professora interage com a turma, como define as regras, o tom da voz que usa para interagir com os alunos e como age quando eles não cumprem as

regras estabelecidas. A professora tem controle dos alunos sem ser agressiva. Todos esses aspectos só podem ser observados na prática, vivendo a rotina da sala de aula.”

1.1. PRÁTICA PEDAGÓGICA ORIENTADA

Quando uma disciplina dos cursos de licenciatura propõe aos alunos a inserção deles no espaço da escola, é muito comum os professores vincularem essa disciplina com a parte prática do curso. Explicando melhor, isso ocorre quando eles põem em prática os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação, nas diferentes disciplinas.

Devemos advertir, porém, que a prática pela prática e o emprego de instrumentos de observação ou de intervenção isolados podem colaborar para a falsa ideia da existência da prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática. Assim, é comum ouvirmos da parte de muitos professores que já atuam nas escolas declarações como: na minha prática, a teoria é outra.

Recorrendo, pois, aos depoimentos dos alunos do curso de Pedagogia da UFMG apresentados anteriormente eles nos mostram a importância do contato com a realidade da escola para a aproximação com o trabalho do professor. Assim, eles identificam os elementos de organização da escola, os condicionantes dessa prática, seus limites e possibilidades. Vimos que ao mesmo tempo em que essa experiência provocara-lhes insegurança, mexeu com suas subjetividades (“*Senti medo, serei capaz de fazer?*”). São esses sentimentos que fazem emergir a necessidade de analisar as diferentes situações que são próprias do trabalho docente e refletir sobre elas.

Por essas razões, na aproximação com a realidade das escolas, o aluno não poderá perder de vista os diferentes aspectos que devem envolver a sua formação profissional. Por conseguinte, o futuro professor deverá preocupar-se com qualificação e desenvolvimento como professor do Ensino Fundamental, ciente do papel que lhe cabe nesse contexto. Consideramos o aluno (futuros professores) como um intelectual em formação e a prática pedagógica como uma ação histórica e culturalmente situada. Nesse sentido, as situações e os problemas que serão propostos como objetos de estudo sobre as práticas observadas nas escolas, ao longo de cada texto, podem ser tratados como elementos mediadores entre a formação inicial dos futuros professores e como instrumentos a serem utilizados para a formação continuada.

Além disso, a sala de aula é um espaço de trabalho profissional no qual o docente se defronta com múltiplas situações para as quais nem sempre encontra respostas prontas e possíveis de serem analisadas e compreendidas imediatamente. Isso é próprio da profissão e, portanto, todo profissional necessita desenvolver atitude reflexiva.

Portanto, a Prática Pedagógica Orientada tem como foco central apresentar a possibilidade de inserção do aluno no espaço das escolas, particularmente na sala de aula, considerada lugar de construção de conhecimento e saberes e espaço de reflexão sobre a atividade docente. Dito de outra forma, nosso objeto de estudo é a prática

pedagógica dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que será investigada mediante o levantamento e análise dos seguintes aspectos: os procedimentos didáticos, as metodologias, a avaliação, as diferentes formas de organização dos alunos, a comunicação entre professor e aluno, as ousadias, as resistências no contexto sócio-histórico-cultural das instituições em que os profissionais atuam, entre outros.

1.2. OS EIXOS ORGANIZADORES DA PRÁTICA DE ESTUDO DO PROFESSOR EM FORMAÇÃO

Como já foi dito anteriormente, procuraremos, em a Prática Pedagógica Orientada, promover a reflexão sobre os pressupostos teóricos e metodológicos que envolvem as práticas de sala de aula. Ao mesmo tempo, procuraremos desenvolver as atitudes necessárias aos futuros professores para o desenvolvimento de um trabalho docente que possibilite a realização de uma prática de ensino contextualizada e adequada à formação de um profissional que lide, de forma compromissada e responsável, com as questões sociais e políticas que envolvem o seu trabalho.

Para tal, partimos do pressuposto de que os elementos que envolvem a prática pedagógica, bem como o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias aos futuros professores decorrem da busca de compreensão dos problemas que derivam da percepção da competência profissional de ensinar. Nesse sentido, as atividades que propomos ao longo deste trabalho devem ser desenvolvidas observando os seguintes procedimentos:

- promover a realização de atividades de observação e reflexão que estejam organizadas em torno da resolução de problemas teórico-práticos de sala de aula que sejam significativos (ou que possam adquirir significação) para os futuros professores;
- analisar as questões que estejam diretamente relacionadas às ações realizadas no cotidiano da sala de aula;
- identificar as concepções sobre ensino e aprendizagem do professor, qual é o papel de suas experiências e, ainda, quais são seus valores e interesses.

Para conhecer e compreender a prática pedagógica realizada na escola, o professor em formação precisará aproximar-se dessa realidade, chegar perto do trabalho realizado pelos professores, indo, em situações programadas, até à instituição em que esse profissional atua, com a perspectiva de envolvimento e intencionalidade investigativa.

Tal atitude se justifica por considerarmos que os futuros professores precisam exercer controle sobre seu próprio processo de aprendizagem, daí a necessidade de atividades que incentivem a reflexão crítica sobre o trabalho dos professores. O exercício dos procedimentos de investigação deve ser compreendido como uma competência profissional que se desenvolve dentro de um processo permanente, voltado para as questões do trabalho cotidiano da sala de aula. Essa competência é adquirida por meio de análise e implicações teóricas e metodológicas.

Nesse sentido, a reflexão não pode ser entendida como uma atividade meramente criativa para a elaboração de ideias ou proposição de soluções aos problemas investigados, mas, sim, como um procedimento de estudo que objetiva reconstruir as ações pedagógicas realizadas pelos professores. Essas agora são vistas como condicionantes que determinam as situações de ensino e aprendizagem. É preciso, portanto, que a investigação e a reflexão estejam a serviço da formação e da autonomia do futuro profissional da educação.

1.3. O PLANEJAMENTO E A ORGANIZAÇÃO PARA A COLETA DE DADOS NA ESCOLA

Os diferentes temas que abordaremos neste trabalho destinam-se à compreensão dos aspectos que envolvem o fazer pedagógico mediante o estudo de dimensões teóricas e metodológicas do processo de ensino e aprendizagem; da observação dessa prática na escola; e da reflexão sobre os seus condicionantes. O estudo desses temas poderá ser mais proveitoso se realizado em parceria com outro colega de curso.

Com certeza, o estudo e a resolução das atividades propostas em cada texto podem ser também realizados individualmente (com tarefas individuais, como as leituras e a compreensão dos textos). Entretanto, a observação e reflexão das práticas das escolas, em parceria com um colega, reforçam o processo de formação do docente por apresentar as seguintes possibilidades:

- planejar conjuntamente e desenvolver procedimentos diferentes de observação e análise das práticas das escolas;
- compartilhar dúvidas e soluções;
- compartilhar registros e análises dos dados.

Em nossa opinião, estudar em parceria é mais proveitoso, mas dependerá de organização e planejamento adequados, além da necessidade de compatibilizar horários, personalidades e estilos de estudo. Por isso é importante definir diretrizes objetivas para esse trabalho. Dessa forma, a resolução das tarefas de investigação das práticas escolares em duplas só funciona sob as seguintes condições:

- cada integrante realizar as leituras e as atividades individualmente;
- cada dupla planejar seu trabalho, considerando sempre um tempo determinado para sua realização;
- cada dupla reservar tempo para encontros regularmente;
- um integrante auxiliar o outro, considerando que, em qualquer processo de aprendizagem, uns estão mais familiarizados com uma temática do que o outros;
- cada integrante ter em mente que, em qualquer situação cooperativa de trabalho, podem surgir conflitos de natureza pessoal, mas o objetivo que os une é o crescimento profissional e a possibilidade de aprendizagem mais significativa.

Assim, como indicamos anteriormente, a investigação das práticas das escolas em dupla (ou, na sua impossibilidade, individualmente) exige planejamento. Ao elaborá-lo

devemos considerar duas dimensões:

- tempo para planejamento: como o professor em formação está envolvido com outros estudos e responsabilidades, será preciso reservar de tempo para dedicar-se aos estudos necessários à sua formação, Além de um tempo para o planejamento das atividades a serem desenvolvidas nas escolas. No caso do trabalho em duplas, aconselhamos que os integrantes definam um horário comum para estudo e reunião de planejamento.
- tempo para coleta e análise dos dados: é preciso também garantir tempo para a organização dos dados levantados para a análise e a reflexão. Checar os dados obtidos, complementá-los, fazer comentários sobre eles e analisá-los demanda tempo e organização da dupla de trabalho.

Enfim, vários instrumentos podem ser utilizados na realização das tarefas de estudo que serão propostas durante o estágio a ser realizado nas escolas. Para que essas atividades sejam de fato investigativas e reflexivas, sugerimos alguns procedimentos que devem ser usados nessa tarefa. Dada a relevância deles, trataremos cada procedimento em tópico especial a seguir.

1.3.1. A proposição de um tópico ou um problema para estudo da prática pedagógica

Para a investigação adequada dos elementos que definem a prática pedagógica, é necessário que o pesquisador preste atenção a vários aspectos do trabalho pedagógico realizado no cotidiano da sala de aula. De modo geral, propomos uma sequência dos passos que devem ser utilizados para realizar as atividades de investigação. Os três passos fundamentais do processo são:

- decidir os problemas ou tópicos que serão estudados e, então, definir alguns aspectos a serem observados;
- observar a sala de aula e recolher informações válidas;
- analisar e utilizar essas informações com o objetivo de compreender os elementos que constituem a prática pedagógica.

Uma característica do processo da formação inicial de um professor é defrontar-se com grande número de problemas e questões que poderiam se transformar em tópicos para serem investigados ao longo dessas Práticas Pedagógicas Orientadas. Diante da impossibilidade de tratarmos desse conjunto tão vasto de problemas, cada temática abordada nos textos apresentará um problema específico para ser aprofundado. Os procedimentos de levantamento de informações constituirão apenas uma das condutas de investigação e estudo que realizaremos ao longo deste trabalho. Isso significa que as questões apresentadas para investigação não esgotam os aspectos que envolvem o trabalho dos professores em sala de aula. Dessa forma, o professor em formação deve sempre lembrar que o objetivo da utilização desses procedimentos é contribuir para a compreensão dos aspectos que envolvem a prática pedagógica na sala de aula.

Nosso intuito é que o professor em formação (em dupla ou individualmente) adquira e domine alguns procedimentos que lhe possibilitem obter informações fidedignas e válidas sobre a prática educativa. Ainda que o objetivo da informação gerada pela investigação seja aprofundar alguns aspectos abordados nos textos e não tanto proporcionar resultados generalizáveis, as questões da validade e da garantia das informações não deixam de ser importantes.

Por fim, os tópicos para aprofundamento e os problemas a serem investigados deverão ser de particular interesse para um professor em processo de formação inicial. Dessa forma, esperamos que a análise dos problemas escolares contribuam para a compreensão das dimensões que envolvem trabalho em sala de aula.

1.3.2. O trabalho de campo

Todo trabalho de coleta e registros de informações que vão constituir dados para serem analisados precisam começar com as negociações que permitirão a entrada do aluno no espaço da escola, particularmente, na sala de aula. Assim, após a preparação inicial, neste caso, selecionadas as tarefas propostas em cada texto aqui apresentado, o aluno precisa definir algumas estratégias para viabilizar, de forma positiva, os trabalhos de estudo de campo. A principal delas é a negociação com os profissionais que lhe darão acesso às escolas. Como nosso objeto de estudo é a sala de aula, o primeiro passo consiste na seleção da escola onde o estágio será realizado. Nem sempre essa é uma tarefa fácil e simples de ser realizada, pois nem todas as escolas estão abertas para receber alunos de graduação. Geralmente os profissionais das escolas receiam que os estudos investigativos tenham como objetivo, denunciar aspectos negativos do trabalho ali desenvolvido criticando as ações e práticas que realizam. Outras vezes, a escola e seus profissionais criam expectativas de ajuda e colaboração para a realização da pesquisa de campo e se frustram quando percebem o caráter mais acadêmico do trabalho que se pretende desenvolver.

Para auxiliar nessa seleção e acesso às escolas, os colegiados das faculdades de Educação oferecem serviços de apoio às atividades de estágio, cujos objetivos, entre outros, é estabelecer parcerias com instituições escolares que estejam dispostas a contribuir para a formação dos alunos de graduação. Por isso, a preparação inicial dessa ida até à instituição escolar envolve, também, a obtenção de autorizações e documentações que, geralmente, são encaminhadas por uma central de estágio que regula os estágios dos cursos de Pedagogia.

Com efeito, após a seleção da escola e a obtenção das devidas autorizações para a realização das atividades de estágio, cabe ao aluno procurar o diretor e os professores da escola onde o estudo será realizado. É importante que o aluno apresente a esses profissionais o programa da Disciplina Prática Pedagógica Orientada e explique os objetivos das atividades que pretende realizar. Esse é o momento de negociar as condições de observação e coleta de dados necessários para a realização das atividades de estudo e a elaboração de relatórios e portfólios de registro. É nesse momento em que

os alunos devem negociar com os profissionais se eles desejam e autorizam que os nomes deles e da escola permaneçam ou não anônimos.

Em síntese, todo trabalho investigativo, realizado no contexto de uma instituição escolar, envolve normas para o seu desenvolvimento. Consideramos, como norma ética, o pesquisador, sempre que realizar investigações na escola, informar aos profissionais que lá atuam os objetivos do estudo e proceder às seguintes ações: solicitar autorização da pesquisa, antes da recolha de informações; manter-se discreto; e respeitar as práticas e os sujeitos (profissionais e alunos) com os quais conviverá.

1.3.3. A coleta de dados e informações sobre o tópico a ser estudado

A coleta de dados para estudo não é uma atividade intuitiva ou espontânea, por meio da qual basta simplesmente ir às escolas para observar as rotinas e delas participar. Pretendemos, por outro lado, nessa Disciplina que o estágio seja realizado como um processo de estudo planejado e intencional, no qual o aluno tem que estar consciente das tarefas que deverá realizar em cada módulo temático e dos procedimentos adequados para realizá-las, ao longo desse curso. Desse modo pretendemos que a coleta de dados seja processo deliberado e consciente das molduras de interpretação daqueles a quem observa e de suas próprias molduras de interpretação, que são culturalmente incorporadas e que ele traz consigo para o local de pesquisa. (BORTONI-RICARDO, 2008-p.58). Segundo a autora, o olhar de um pesquisador funciona como uma espécie de filtro no processo de interpretação da realidade com a qual se defronta. Não podemos esquecer, porém, que esse filtro de todo pesquisador está contaminado pelas suas experiências e bagagens culturais.

Assim, não existe uma observação neutra, pois todas as formas de conhecimento são fundamentadas em práticas sociais, linguagens e significados e, nestes últimos, estão incluídas as representações a respeito da prática das escolas e do espaço da sala de aula. Desse modo, queremos chamar a atenção para o fato de que todo trabalho investigativo tem influência na prática da escola e é também influenciado por essa prática. O planejamento organizado das ações de estudo pode auxiliar no controle dos efeitos desse processo dialógico inerente a todo trabalho investigativo. Assim, o estágio nas escolas começa com a definição das tarefas que direcionam os estudos. Portanto, além da leitura cuidadosa de cada texto dessa disciplina, sugerimos ao estagiário o planejamento e organização das atividades que guiarão as ações no interior das escolas.

Definidos, então os temas e tópicos de estudos propostos para aprofundamento em cada texto ou a seleção de algumas questões para serem investigadas, o próximo passo do pesquisador será buscar informações nas escolas. Nesse momento é importante que o aluno tenha clareza dos objetivos das tarefas que lhes são propostas e dos procedimentos que são adequados para investigar cada tipo de ação que se desenvolve na sala de aula. Sabemos, por outro lado, que mesmo definidas as atividades e tarefas que deverá realizar ao adentrar o contexto da escola e iniciar a coleta de dados, é comum o aluno não se sentir seguro com relação ao foco de suas observações para a coleta de dados. Nesses

momentos de insegurança, Bortoni-Ricardo (2008) sugere, como solução, que, inicialmente, se deve entrar em sala de aula e observar dias inteiros, identificando uma gama de eventos ocorridos ao longo do dia e suas frequências relativas. Obtidas essas informações preliminares, certamente, será mais fácil para o aluno saber onde e quando deve concentrar seu olhar investigativo.

Vale lembrar que os dados de uma pesquisa de campo podem ser de diferentes tipos, a saber: nota de campo, comentário de entrevistas, documentos recolhidos no local (planejamentos de aula, atividades de alunos, são alguns exemplos) e gravações eletrônicas (BORTONI-RICARDO, p.62).

Como nos mostra esse autor, existem vários instrumentos de coleta de dados, alguns mais complexos do que os outros. O mais importante é que cada dupla escolha o instrumento mais adequado para responder às questões propostas para estudo e disponha de tempo para recolher e analisar as informações. Para auxiliar nessa tarefa, proporemos alguns instrumentos, para uso quando necessário, ao longo deste estudo: questionários, entrevistas, observações, registros. E, como trabalho final para ser avaliado, sugerimos a elaboração de um portfólio. Explicaremos, mais à frente, a realização desse documento de registro.

Em se tratando de textos deste estudo, cujo objetivo das investigações seja o levantamento de informações sobre as atitudes ou opiniões, ou qualquer outro aspecto relativo ao trabalho em questão (por exemplo, como os professores definem sua forma de ensinar ou de organizar a gestão da sala de aula?), a forma mais adequada e rápida para coleta de informações dessa natureza é a utilização de questionários. Normalmente, os questionários colocam questões ou apresentam afirmações aos entrevistados com as quais eles podem concordar ou delas discordar. Nesse sentido, sugerimos, como exemplo, que o aluno analise o livro didático adotado pela escola em estudo, respondendo às seguintes questões:

Questões	Sim	Parcialmente	Não
A obra analisada apresenta um manual destinado ao professor com contri buições objetivas para sua atuação e contribui para sua formação?			
O livro apresenta sintonia com o projeto pedagógico da escola e sua proposta metodológica para os três anos iniciais do ensino fundamental?			
As concepções de ensino, aprendizagem e linguagem estão claramente consideradas no livro didático?			
A proposta da obra é adequada ao perfil de alunos com idades de 6, 7 e 8 anos e à realidade específica da sua escola?			

Figura 1 – Questões para análise do livro didático

Embora a utilização dos questionários possibilite o levantamento de informações importantes sobre o trabalho dos professores em sala de aula, temos que considerar a limitação dele como instrumento de investigação, pois nem sempre poderemos ter a certeza em que os professores, de fato, pensam quando elegem uma das alternativas de resposta. Por essa razão, a utilização de entrevistas auxiliará no processo de levantamento de informações sobre as ações e as opiniões sobre o trabalho que realizam em sala de aula.

Quanto à entrevista, recomendamos seu uso quando desejamos obter informações sobre a prática de um professor ou sobre o trabalho realizado por pequenos grupos de profissionais. No entanto, ao fazer uso desse instrumento, devemos assegurar aos profissionais das escolas que suas opiniões e respostas serão tratadas com discrição e sigilo, suas ideias e experiências de trabalho, com respeito.

Por outro lado, a análise de muitas questões sobre a organização e o desenvolvimento da prática pedagógica requerem a observação direta do trabalho desenvolvido em sala de aula. Nesse caso, a adoção dos procedimentos de observação e de registro são indicados. Eles podem variar conforme as questões ou tópicos propostos para estudo. Normalmente, a informação obtida mediante esse recurso é melhor quando utilizamos um instrumento específico para cada situação proposta ao longo de cada texto.

Embora existam outras formas de recolher as informações por meio do procedimento da observação, o aluno poderá observar e registrar por escrito as diferentes ações e interações realizadas entre os alunos e os professores em sala de aula. Ao recorrer a tais procedimentos, o aluno deve certificar-se que está utilizando os procedimentos apropriados para realizar uma observação.

Como as atividades propostas para este estudo girarão em torno de questões pontuais que exigem o levantamento de dados circunstanciais, os alunos deverão fazer uso dos dados obtidos na investigação de diferentes aspectos de organização da prática de sala de aula, para, posteriormente, analisar os comportamentos específicos baseados nessas anotações.

Assim, o registro das informações coletadas nas escolas constituirá outro procedimento fundamental para a coleta de informações dos elementos que compõem, integram a prática pedagógica na sala de aula. De forma geral, as informações coletadas durante as observações devem ser registradas imediatamente em um caderno de anotações. Elas se tornarão particularmente úteis quando nosso foco de estudo se centrar, por exemplo, em alguns aspectos que envolvam a realização da prática pedagógica, aspectos esses susceptíveis de observação direta. Nesse caso, podemos citar: as rotinas das atividades desenvolvidas pelo professor no cotidiano da sala de aula; a duração temporal das atividades desenvolvidas habitualmente; a identificação dos recursos pedagógicos (livros didáticos, jornais, filmes, etc) e as formas de sua utilização em sala de aula; e as formas de avaliação dos alunos utilizadas pelos professores.

Tão importante quanto o registro dos dados é o trabalho de revisar as anotações realizadas e, se necessário, passar a limpo as informações coletadas. É nesse momento em que o aluno, centrado nesse levantamento, perceberá elementos que passam despercebidos durante o registro das observações e entrevistas, daí o valor das anotações. A possibilidade de realizar o estágio nas escolas em parceria com um colega de curso, a nosso ver facilitará a tarefa de revisão das anotações. Nesse caso, aconselhamos que, logo após a saída da sala de aula, seja realizada uma revisão comparativa das anotações realizadas por cada aluno. Também é oportuno comentarem as interpretações das situações vividas e complementarem suas informações a partir das considerações levantadas pelo parceiro de estudo.

1.3.4. A análise das informações coletadas

Outro procedimento de investigação que sugerimos nas Práticas Pedagógicas Orientadas consiste na organização de análise das informações obtidas nas nas escolas. Os registros realizados durante o trabalho de campo nas escolas são fontes de informações preliminares que necessitam ser analisadas e categorizadas tornando-se dados de um trabalho investigativo. Os processos de converter as informações em dados constituem um trabalho de análise e reflexão, no qual procuramos estabelecer elos comuns entre seus registros. Trata-se de buscar informações que possam ser confirmadas ou descartadas. Feito isso decidimos quais deverão ser reservadas para investigações posteriores. Diante da relevância de um conjunto de dados, recomendamos fazer um comentário interpretativo geral sobre as informações reunidas. Assim, suponhamos o seguinte dado obtido em entrevista:

Em entrevista realizada com a professora após utilização do livro didático de alfabetização, o professor faz o seguinte comentário sobre a proposta pedagógica do livro adotado pela escola: *“ gosto desse livro porque ele apresenta uma seleção de textos de diferentes gêneros, são textos autênticos, de autores representativos. Com essa seleção de textos posso criar diversas situações significativas de leitura na sala de aula”*.

Acerca desse dado, comentaríamos: a fala da professora a respeito do livro didático é condicionada pelas suas concepções de letramento.

Esse exemplo nos dá a ideia da função dos comentários na análise e organização dos dados coletados. Nesse momento, o nosso objetivo deve ser a transformação das informações em categorias. A comparação do conjunto de informações, com a finalidade de identificar a recorrência de algumas variantes poderá auxiliar na sua organização e análise. É com base nessas reflexões que os alunos devem elaborar os trabalhos propostos em cada módulo dessa disciplina.

Finalmente, sugerimos que a análise final das informações seja partilhada nos momentos presenciais de formação neste estudo. Essas informações podem ser utilizadas como referências para as discussões e voltadas para busca de alternativas para o

desenvolvimento da prática pedagógica na sala de aula. Esperamos que esses procedimentos de investigação e estudo possibilitem ao aluno o levantamento de informações úteis sobre o cotidiano da sala de aula e sobre o que é inerente ao trabalho do educador de escolas públicas. A utilização desses procedimentos pode, também, auxiliar na formação dos professores como profissionais autônomos, que estabelecem uma relação reflexiva com a aprendizagem sendo capazes de propor soluções para os problemas que identificam na realidade das escolas.

1.3.5. A elaboração de um portfólio

A organização e o arquivo de registros dos aspectos que mais se destacaram no processo de aprendizagem do pesquisador deverão ser selecionados com intenção de fornecer uma síntese de seu percurso de aprendizagem. Essa é uma atividade que deverá ser realizada **individualmente**.

O sentido maior desse recurso seria o registro acumulativo e progressivo de dados pertinentes à organização e ao desenvolvimento da prática pedagógica na sala de aula. Esse registro deve girar em torno de duas direções colocadas pelo pesquisador a si mesmo: *o que aprendi, de que forma aprendi?* A partir desses eixos, cada pesquisador registrará as ações, os procedimentos de investigação utilizados, apreciações e dificuldades encontradas. A periodicidade de sua elaboração é determinada como uma síntese final do estudo realizado em cada módulo deste trabalho, devendo, dessa forma, ser semestral.

Por fim a elaboração de um portfólio comporta duas dimensões:

- i) a autoavaliação pelo pesquisador;
- ii) a avaliação pelos professores em torno de critérios formais e técnicos (objetivos executados, forma de apresentação) e critérios qualitativos (relativos aos progressos do aluno, tendo em vista seus patamares iniciais e as aprendizagens evidenciadas).

Em síntese, podemos afirmar:

Para que o trabalho de investigação da prática da escola seja eficiente, é preciso:

- propor um tópico ou um problema para ser investigado;
- ir a campo para realizar observações;
- colher dados e informações sobre o tópico a ser estudado;
- registrar as informações coletadas;
- analisar os dados e apresentá-los.

2. SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Pretendemos, ao desenvolver este tópico, levar os alunos a refletirem sobre a complexidade dos elementos que organizam o trabalho pedagógico. Para tal, como no tópico anterior iniciaremos esta reflexão apresentando depoimentos de professores de escolas de escolas situadas na periferia de Belo Horizonte.

Atividade 3

Leia o depoimento desta professora com vários anos de experiência sobre os desafios que encontrou quando fora trabalhar em uma escola da periferia de Belo Horizonte.

“... Ao me defrontar com a turma de alunos na escola nova em que fui trabalhar, tive uma grande surpresa, apesar de todos os meus anos de experiência profissional. Foram desafios que tinham como fonte geradora uma turma formada por alunos que outras professoras da escola não queriam em suas salas de aula, pois eram alunos que não respeitavam as relações sociais estabelecidas em sala de aula (muitos deles se inspiravam nas relações de poder do tráfico de drogas para agirem entre eles e com os profissionais da escola), quase 60% deles tinham muita defasagem no domínio das habilidades básicas de leitura e escrita, não era possível contar com o apoio de suas famílias em seus processos escolares. Essa experiência se deu em uma escola que não tinha um projeto pedagógico construído ou assumido por seus profissionais.”

(Sara, professora da Rede Municipal de Belo Horizonte)

Com efeito, o que devemos considerar para investigar a prática realizada nas escolas? Em princípio, apontaríamos quatro direções, conforme as situações descritas a seguir.

1- Os professores atuam num contexto sociocultural complexo

Analisando o depoimento da professora Sara apresentado anteriormente, percebemos na escola, e especialmente na sala de aula um cenário psicossocial vivo e complexo, definido por um conjunto de fatores e condições. Nesse contexto, o professor enfrenta problemas de natureza social, cultural e, principalmente, pedagógicos, quanto a situações individuais de aprendizagem dos alunos, a formas de comportamento de grupos ou, ainda, à organização da própria escola. Por todas essas razões, para investigarmos a prática da escola e compreendê-la, devemos levar em conta os aspectos situacionais desse contexto e a própria história da turma como grupo social.

2- As práticas das escolas são plurais

Os dois depoimentos apresentados a seguir são de professores que trabalham na mesma escola. Como veremos, eles expressam a prática de alfabetização deles. Solicitamos a eles que explicassem, particularmente, como utilizavam o livro didático de alfabetização, adotado para as turmas de alunos de sua escola.

“Honestamente? Eu decidi trabalhar com o livro didático somente no ano seguinte em que foi escolhido pela escola. Isso ocorreu porque minha turma não estava preparada ainda. Eu só aproveitei a cartilha no outro ano, quando meus alunos já estavam mais maduros, já sabiam ler algumas coisas.”

(Prof^a. Raquel)

“Primeiramente, é bom esclarecer que demorei um pouco para começar a usar livro. Comecei a trabalhar com ele lá pelo meio do ano. Não fui eu que decidi quando começar a usar o livro, mas foi a supervisão que tomou essa decisão como orientação para o trabalho de minha turma. A coordenação dizia: 'Ainda não está na hora de pegar o livro'. Esperava que a turma estivesse mais preparada, e é por isso que cada turma começava em uma época diferente. Não seguimos o trabalho juntas. Mesmo a escola adotando o livro, isso não significava que todas as turmas estavam utilizando o livro.

(Prof^a. Simone)

Os dois depoimentos nos fazem pensar que não há um único modelo de professor nem de prática pedagógica. Cada profissional constrói seu próprio modelo, sempre definido pelas experiências, crenças, valores e formação. Por isso não é possível enquadrá-lo em modelos preconcebidos. O mais interessante, ao professor em processo de formação, é ter receptividade a vários modos de gestão do trabalho na sala de aula, procurando compreender como cada um deles contribui de fato para a aprendizagem das crianças. Ao adotar essa perspectiva, será possível ao professor conhecer diversas práticas e apropriar-se de diferentes conceitos de trabalho docente. Acreditamos, então, que conhecer a prática da escola numa perspectiva crítica é procurar compreender o que ela possui de coerente e eficaz. O contato com a realidade das escolas não tem como objetivo a busca de práticas exemplares nem, ao contrário, adotar uma postura negativa diante do trabalho que é ali realizado. O interessante, nos parece, é compreender sua lógica, coerência e princípios.

3- Os professores possuem saberes que devem ser respeitados

Todo professor experiente conhece diferentes dimensões de seu trabalho. Por isso, ele pode ser uma fonte potencial de informações, ajudando-nos a esclarecer os pressupostos teóricos e metodológicos de seu trabalho. Portanto, dialogar com esse profissional, pedir-lhe explicações sobre seu modo de agir, de planejar e de organizar as atividades que realiza, saber quais são as expectativas de aprendizagem com relação aos alunos, suas crenças e valores, tudo isso poderá nos ajudar a montar um quadro rico de informações pertinentes ao estudo.

4- O trabalho de investigação exige competência e sensibilidade

Até o presente momento, enfocamos, neste texto, a necessidade de domínio do conjunto de procedimentos de investigação e reflexão que possibilitem o desenvolvimento de uma formação autônoma e crítica. Mas, para isso, precisamos desenvolver competências necessárias à ação reflexiva e crítica o que não significa desrespeitar a prática dos professores. Devemos dirigir nosso olhar sobre o trabalho da escola para conhecê-la, ao contrário de julgá-la; indagar e levantar hipótese, ao contrário de rotular as condutas pedagógicas e se permitir identificar com a futura profissão.

3. ASPECTOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA A SEREM INVESTIGADOS

Atividade 4

Leia o depoimento de Ana, aluna no estágio do curso de Pedagogia, que descreve a sala de aula de seu primeiro estágio:

“Sala de aula agitada, tanto dentro quanto fora; os alunos constantemente se movimentam em círculos dentro da sala de aula; a professora frequentemente intervém, na tentativa de acalmar os alunos, colocando-os enfileirados perto de sua mesa; a professora, no entanto, não apresenta rigidez acerca da liberdade oferecida aos alunos: os alunos podem, algumas vezes, deixar seus lugares e se movimentarem dentro da sala de aula, sobretudo quando pedem para lavar suas mãos após as refeições; a professora sempre permite que os alunos apanhem seus brinquedos e materiais lúdicos, limpem-nos e, após usá-los, devolvam-nos às suas caixas”.

Responda:

A que aspectos da organização da prática pedagógica a aluna está se referindo nesse relato?

3.1. A ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A prática pedagógica pode ser compreendida como uma ação intencional que se realiza no interior da instituição escolar, protagonizada pelos professores e alunos, demais profissionais da escola e familiares das crianças. Nas Práticas Pedagógicas Orientadas, elegeremos, particularmente, o espaço da sala de aula como objeto de nossos estudos. Nesse espaço, a prática pedagógica envolve, particularmente, as relações entre os professores e os alunos e aluno-aluno. As relações entre esses sujeitos circunscrevem-se num quadro complexo que envolve o conhecimento a ser ensinado, conhecimento esse que depende das condições institucionais criadas para ser transmitida aos aprendizes. Para compreender como a prática pedagógica se estrutura, estudaremos os seguintes aspectos da sua organização que, articulados, lhe conferem uma lógica particular:

- (i) o conhecimento a ser ensinado;
- (ii) as regras de transmissão dos conhecimentos;
- (iii) as regras de conduta dos sujeitos na sala de aula;
- (iv) o espaço em que se realiza a prática.

3.1.1. O conhecimento a ser ensinado

O conhecimento, que é objeto de transmissão intencional pela escola, é historicamente definido por cada sociedade como algo útil que deve ser preservado para determinados fins. Isso significa que, a cada momento histórico, cada sociedade define o que considera legítimo transmitir aos alunos.

Para termos uma ideia dessas transformações dos conhecimentos ensinados pela escola, basta nos indagarmos se o que é ensinado hoje na escola é o mesmo que há quinze ou vinte anos. Também poderíamos perguntar: a organização política e geográfica do mundo é a mesma que há vinte anos?¹ Em se tratando de fatos históricos, por exemplo, com relação ao autor do descobrimento do Brasil (*descobrimto* do Brasil ou *achamento* do Brasil? Colonização ou exploração?), várias respostas teríamos: os navegadores europeus, os navegadores de outros continentes ou os povos que aqui já o habitavam? Finalmente também nos questionamos: quais são os nomes das partes do corpo humano?

As repostas a todas essas indagações nos fazem pensar que atualmente vivemos em uma sociedade cujos avanços e mudanças dos conhecimentos e habilidades são tão rápidos que podemos afirmar que o que está sendo ensinado hoje estará provavelmente ultrapassado no ano que vem. Ao discutir as transformações da escola no mundo atual, Soares (2000) explica que, à medida que os conhecimentos nas diferentes áreas avançam, as fronteiras entre os saberes se diluem. Segundo a autora, hoje, o que as ciências perseguem já não é saber cada vez mais sobre cada vez menos, mas é resolver problemas - e problemas não se resolvem nos limites dos campos de conhecimento tradicionalmente definidos e, assim, definidos exclusivamente para fins metodológicos de estudo. Ela conclui que vivemos hoje uma mudança epistemológica, uma nova concepção da compartimentação do conhecimento nas ciências já conhecidas. É por isso que ouvimos tanto falar nas escolas de trabalho interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar e da pedagogia de projetos² como metodologia de ensino.

Essas mudanças exemplificam como o conhecimento que a escola transmite em cada época é socialmente legitimado, quer nos seus conteúdos, quer nas formas consideradas válidas da sua transmissão, quer, ainda, nas condições definidas para seu acesso e utilização pelos alunos.

Atividade 5

Responda:

- A) Que saber é hoje considerado socialmente útil e objeto de transmissão intencional na instituição escolar? Por quê?
- B) Como você foi alfabetizado? Que livro didático foi utilizado para sua alfabetização? Procure saber se esse livro didático ainda é comercializado. Em caso negativo, procure saber por quê.

3.1.2. As regras de transmissão dos conhecimentos

A seleção dos conteúdos e sua organização por meio de atividades envolvem a definição de determinada sequência e de progressão para o seu desenvolvimento em sala de aula.

¹ Outro exemplo de mudanças são as transformações que a cultura eletrônica trazem para as questões que envolvem o conhecimento e sua aprendizagem. Surgem novos meios e suportes não-lineares de informação e circulação do conhecimento, como redes de telemáticas, a Internet, os CD-Roms.

² Sobre trabalhos de projetos, ver Fernando Hernandez (1998, 2000).

Quanto à sequência dos conteúdos, está diretamente relacionada às metas postas para a aprendizagem das crianças durante o ano letivo, ou seja, o que se espera que os alunos aprendam em um mês, em bimestres, semestres, enfim, em um ou mais anos de escolaridade. Por exemplo, no primeiro ano do Ensino Fundamental, esperamos que as crianças aprendam a ler e escrever textos simples e a fazer operações de adição e subtração. No segundo ano de escolaridade esperamos que elas sejam capazes de ler textos maiores, com estruturas mais complexas e de fazer operações de multiplicação e divisão. E assim por diante. Geralmente as decisões sobre o conteúdo e tempo de aprendizagem são tomadas com base nas informações fornecidas pelo professor (ou a escola) conforme avaliação de seus alunos realizada no início do ano letivo.

Definida a sequência dos conteúdos de cada disciplina do currículo, resta definir a progressão de complexidade por meio da qual esses conteúdos serão ensinados. Essa decisão também é baseada no perfil dos alunos e nas metas colocadas para a sua aprendizagem. O procedimento didático a adotar, nesse caso, consiste em definir quais são os conteúdos ou habilidades considerados mais simples e os mais complexos, dentro daquela sequência previamente definida.

Podemos compreender melhor esses dois critérios – sequenciação e progressão de conteúdos – quando analisamos, por exemplo, os conteúdos da área da alfabetização. Atualmente, a prática pedagógica destinada a crianças em fase inicial da aprendizagem da escrita prevê o ensino dos seguintes conteúdos: compreensão e valorização da cultura escrita (promove o contato e o uso de materiais escritos); apropriação do sistema de escrita (refere-se ao domínio do processo de codificação e decodificação); leitura (envolve as habilidades de compreensão de textos e de fluência); produção de textos (desenvolve a escrita de textos de diferentes gêneros); e desenvolvimento da oralidade (desenvolve o uso da linguagem oral em diferentes situações sociais).

Para cada um desses conteúdos, é prevista uma duração temporal diferente para o seu ensino e a aquisição pelos alunos. Por exemplo: espera-se que as crianças dominem o processo de codificação e decodificação no primeiro ano de aprendizagem. Para os outros conteúdos (leitura, produção de textos e oralidade) – embora façam parte das metas do planejamento – prevê-se tempo mais longo. Podem ser desenvolvidos ao longo de vários anos de escolaridade.

Já o critério da progressão de complexidade significa a adoção de determinada ordenação para a introdução e o desenvolvimento das atividades. Lembremos que as atividades devem ser elaboradas sempre considerando-se o nível de conhecimentos dos alunos (sua familiaridade com o assunto, experiências escolares) e a natureza conceitual do conteúdo a ser ensinado. Os exemplos de atividades apresentados abaixo, envolvendo o ensino da alfabetização, podem auxiliar na compreensão do que significa esse critério de progressão de complexidade:

- leitura de textos: a seleção de textos para leitura em uma classe, em fase inicial da aprendizagem, pode ser guiada pela decisão de apresentar textos mais simples e curtos, num primeiro momento e, à medida que forem avançando nas suas aquisições, propor a leitura de textos mais complexos e mais extensos.

- compreensão da leitura: iniciar com a exploração de textos com temas e linguagens mais próximos da realidade do aluno e, posteriormente, propor textos com temas e linguagem mais distantes (no tempo, no espaço geográfico e cultural)
- estudo das letras do alfabeto: as atividades iniciais podem explorar apenas as letras de forma maiúscula e, progressivamente, à medida que a criança for dominando o princípio alfabético, introduzir atividades com a letra cursiva.

Atividade 6

Para compreender melhor esse princípio de progressão de complexidade a ser adotado no planejamento da alfabetização, sugerimos-lhe que analise o seguinte caso:

Imagine três turmas com alunos de 7 anos de idade: a primeira turma é composta de alunos já alfabetizados; a segunda, de alunos que conseguem ler palavras com estrutura simples; a terceira, de alunos que não conhecem nem o nome das letras do alfabeto.

Responda:

- A) Os professores das três turmas devem começar o seu trabalho abordando os mesmos conteúdos?
- B) A partir de qual critério, cada professor deverá decidir o conteúdo da alfabetização que seja mais simples para a turma?

3.2. A SELEÇÃO E A ELABORAÇÃO DE ATIVIDADES

A seleção e o desenvolvimento das atividades em sala de aula estão diretamente associados ao modo pelo qual o professor posiciona as crianças para executarem as tarefas. Assim, quando um professor planeja uma atividade, também deve decidir como os alunos vão realizá-las: se individualmente ou em cooperação com o colega, se por escrito ou oralmente, durante quanto tempo, quantas vezes, como será avaliado, etc. Dependendo do conjunto de procedimentos didáticos que o professor utilizará, ele poderá associar sua prática a um modelo mais conservador (ou tradicional), ou mais ativo (ou progressista). As orientações metodológicas adotadas em cada um desses modelos apóiam-se em diferentes teorias de ensino e aprendizagem. Vale lembrar que o mesmo professor pode variar as suas estratégias didáticas, dependendo da escola em que atua, da disciplina que ministra, dos conteúdos que ensina.

De forma simplificada, podemos apresentar alguns procedimentos que diferenciam esses dois modelos de práticas pedagógicas. Na prática pedagógica mais conservadora, os professores organizam o ensino dos conteúdos por meio de lições, exercícios e momentos de avaliação. Geralmente, ao final de cada conteúdo apresentado, o professor explica novas definições e conceitos, introduz novas atividades de fixação desses conteúdos, repete novas informações à medida que avalia sua necessidade e, obtendo indicações que os alunos já compreenderam as explicações, avalia-os para verificar seus desempenhos.

O que caracteriza uma prática em determinado modelo pedagógico é a elaboração e o desenvolvimento de determinados sistemas didáticos, ou seja, os modos como os professores organizam o dia a dia de seu trabalho, propondo atividades e escolhendo materiais didáticos que viabilizem a sua realização. A proposição de diferentes tarefas em sala de aula (como escutar, responder, copiar, resolver problemas, etc) faz parte do trabalho cotidiano e, para serem bem executadas, precisam ser controladas (seja por meio de avaliações formais ou informais), para que os professores possam determinar a progressão e o ordenamento dos conteúdos.

Perrenoud (1999) apresenta uma lista de procedimentos que caracterizam a prática pedagógica conservadora. Elas podem sofrer algumas variações, dependendo da faixa etária dos alunos, da disciplina ensinada e de algumas decisões pessoais de cada professor. Ei-los:

- as atividades e as tarefas são sempre definidas e controladas pelo professor;
- as atividades são sempre realizadas individualmente pelos alunos sob a vigilância do professor (verifica, mesmo que de longe, se os alunos estão trabalhando);
- ao final da realização das atividades, os alunos são avaliados e corrigidos os erros e instruções são dadas para corrigi-los.

Contrapondo a esse sistema didático, surgiram as tendências de renovação da prática pedagógica como uma conduta crítica às práticas tradicionais. Concretizadas, introduzem outros tipos de procedimentos de ensino. Na verdade, não se trata de um único modelo que se contrapõe ao primeiro. Ao longo da história da educação, houve vários movimentos de renovação pedagógica, cada um deles apoiado em teorias ou em ideias de importantes estudiosos (Freinet, Dewey, Montessori, Piaget, Vigotsky, entre outros). Mesmo reconhecendo as diferenças e as especificidades de cada uma dessas correntes teóricas, podemos apresentar alguns aspectos que identificam uma prática pedagógica como alternativa ou progressista:

- o foco do trabalho pedagógico está no aluno e na sua aprendizagem, mais do que no professor como transmissor de conhecimentos;
- a aprendizagem ocorre por meio da proposição de atividades abertas que favoreçam o raciocínio e a elaboração de conceitos e definições, mas também por meio das interações entre alunos-alunos e aluno-professor, como condição para a sua realização;
- a aprendizagem escolar do aluno ocorre articulada às experiências cotidianas da sua vida, criando um laço significativo entre escola e vida;
- o trabalho cooperativo entre os alunos e, conseqüentemente, da turma é valorizado como um grupo que assume responsabilidades e autonomia diante das tarefas propostas.

3.2.1. As regras de conduta dos sujeitos na sala de aula

A prática pedagógica é uma ação que se realiza por meio do uso da palavra e, como tal, necessita de ordem e disciplina para que a relação entre professor e alunos ocorra de forma controlada. Isso significa que para ensinar os conteúdos é preciso que os professores realizem outra ação importante: definir as regras de comportamento e de trabalho em sala de aula. Assim, podemos afirmar que a prática pedagógica é também uma ação que normatiza as relações na sala de aula e, por isso, define regras quanto às formas de convivência, de ordem, dos alunos se relacionarem, de identidade e de funcionamento do trabalho no dia a dia para ser realizada. Exerce, então, uma *ação regulativa*³ sobre os sujeitos que nela atuam.

A definição e o desenvolvimento dessas regras também serão diferenciados nos dois modelos de prática pedagógica: a conservadora e a progressista.

Nas práticas pedagógicas conservadoras, as regras que organizam a execução do trabalho e as formas de comportamento dos alunos em sala de aula geralmente são mais explícitas. As grades de horários das diferentes disciplinas e as normas para a utilização do espaço dentro e fora da sala de aula (organização das carteiras, definição dos lugares, formas de execução das tarefas, momentos em que se pode falar, etc) fornecem uma estrutura explícita, um conjunto de regras e prescrições, cujo não cumprimento é bastante visível.

Quando as regras de conduta e trabalho não são cumpridas, o aluno é imediatamente corrigido ou punido. Os problemas de disciplina geralmente são decorrentes do não cumprimento dessas regras. Em algumas relações pedagógicas mais autoritárias, ainda é comum a utilização de castigos (como, deixar a criança depois do horário de aula fazendo as tarefas que não conseguiu terminar em sala) e exclusão dos alunos (não participar do recreio, por exemplo). Contudo, devemos esclarecer que as práticas pedagógicas conservadoras não são, necessariamente, autoritárias e, sim, posicionais, como afirma Bernstein ??? dizendo, o controle dos professores funciona como norma para manter e definir limites e condutas.

Numa prática pedagógica considerada progressista, o controle das regras geralmente está na comunicação interpessoal entre professor e aluno, aluno-aluno. Essas regras são definidas e colocadas em prática, apelando-se para a motivação dos alunos e a intencionalidade da sua realização. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando o professor faz as crianças exporem suas opiniões, seus sentimentos, seus temores. Além disso, as regras resultam de negociações entre o professor e seus alunos, cujas normas são construídas por meio da análise das diferentes situações de convivência e de trabalho. Alunos e professor propõem formas apropriadas de organização e relacionamento, mas a sua execução é sempre controlada pelos professores.

Em qualquer um desses dois modelos pedagógicos, perpassa a ideia da sala de aula como espaço de convivência entre professor-aluno e aluno-aluno. Nesse espaço podem surgir conflitos e tensões relacionais que geram problemas associados à indisciplina. Com

³ Bernstein (1996).

frequência, os problemas de indisciplina estão associados à imposição de regras de conduta, de forma arbitrária sem negociação e participação do grupo. Nessas situações, é comum, por exemplo, o surgimento de regras informais, criadas pelos alunos como forma de transgressão ou resistência aos contratos de trabalhos impostos.

Alguns estudos⁴ defendem, como solução para problemas de indisciplina desse tipo, a adequação do currículo às necessidades e interesses dos alunos, a elaboração de planejamentos criteriosos e a elaboração de projetos capazes de mobilizarem os interesses dos alunos para a realização das tarefas propostas.

As normas de conduta constituem, dessa forma, um dos aspectos estruturantes da organização do trabalho na sala de aula, pois sua definição pode significar, entre outros aspectos, a criação de condições favoráveis para o funcionamento do grupo e o surgimento de sentimentos de pertencimento e de solidariedade.

3.2.2. O espaço da prática pedagógica

A sala de aula, como um espaço pedagógico, é simultaneamente o lugar físico onde se realiza o processo de ensino e aprendizagem, e onde estrutura a aprendizagem de origem cultural que suporta e organiza a prática pedagógica.

Por isso, partilhar um espaço fechado e limitado com um grupo numeroso de colegas, passar todos os dias sentados no espaço reduzido da sua carteira, não é experiência fácil para os alunos, principalmente para os pequeninos, recém-ingressados na escola. Da mesma forma controlar os movimentos dos alunos, autorizar deslocações, tudo isso constitui importante tarefa do trabalho pedagógico dos professores. A convivência e a utilização do espaço da sala de aula é uma aprendizagem penosa para as crianças, o que não ocorre sem resistência e, às vezes, sem agressividades.

Conforme as dimensões, configuração, densidade de ocupação e formas de organização, o espaço da sala de aula poderá facilitar ou limitar a realização da prática pedagógica. A organização desse espaço marca limites, assinala papéis, consagra estatutos e, ao mesmo tempo, veicula normas e valores.

Com referência à organização desse espaço ele resulta das concepções, valores e crenças dos professores. Por isso, essa organização pode ser identificada com os modelos pedagógicos anteriormente descritos. Assim, no modelo conservador, as regras de organização são mais fechadas e ficam centradas nas ações de ensino do professor. Já o progressista (ou alternativo) apresenta uma organização mais flexível, e está mais centrada nos processos de aprendizagem dos alunos. Cada um desses modelos, por sua vez define diferentes modelos e formas de realização das tarefas e atividades de ensino e aprendizagem.

Em vista do exposto, é importante que o profissional da educação aprenda a ler a sala de aula como um espaço de convivência no qual ele constrói e adquire conhecimentos e

⁴ Ver Estrela, Maria Teresa. *Relação Pedagógica. Disciplina e indisciplina na aula*.1994.

saberes. Essa leitura se dá observando os trabalhos dependurados nas paredes, a disposição das carteiras, o número de alunos, a quantidade de livros disponíveis, materiais lúdicos, as formas de movimentação e comunicação dos alunos, entre outros elementos. Todos eles nos auxiliam a enxergar as estruturas de interação, suas rotinas e normas estabelecidas pelo professor que subjazem às ações dos alunos e suas relações sociais em sala de aula.

A observação da sala de aula, de seu ambiente físico e espacial e comportamental constitui um procedimento importante na formação do professor do ensino fundamental, pois o auxilia na identificação das ideias, normas e pontos de vista peculiares de cada uma delas. Essas 'ideias' são denominadas ordens ideacionais (*ideational orders* Frank (1999, p.50), e sem dúvida, quando conhecidas pelos estagiários, facilitarão suas inserções no ambiente cultural da sala de aula e, concomitantemente, a aceitação maior por parte dos alunos e professores.

A utilização desses procedimentos como conduta investigativa também possibilita acesso mais imparcial às situações rotineiras e comuns da sala de aula, já que podemos identificá-las e avaliá-las com um olhar mais distanciado. Explicando melhor, a observação do ambiente físico transforma o familiar em estranho, possibilitando análises mais apuradas do fenômeno cultural da sala de aula.

Procurando exercitar esse olhar investigativo dos aspectos estruturantes do trabalho em sala de aula, proporemos, a seguir, para reflexão, um exercício para a identificação e análise das características organizativas do espaço da sala de aula. Apresentaremos algumas categorias que poderão lhe auxiliar no trabalho de diferenciação de dois modelos diferentes adotados para a organização do espaço da sala de aula.

Atividade 7

A organização do ambiente da sala de aula é o reflexo da filosofia de ensino e aprendizagem dos professores. Observe as duas fotos a seguir.





Com o objetivo de explorar melhor a organização do espaço, você pode, por exemplo, desenhar um mapa das condições físicas e espaciais de cada uma das salas de aula acima.

Em seguida, utilize as seguintes categorias para descrevê-las: não-estruturada/estruturada, aberta/fechada, simples/complexa, inclusiva/exclusiva e alta mobilidade/baixa mobilidade. Veja a descrição de cada uma dessas categorias apresentadas e analise as duas salas de aulas, considerando:

- ambiente não-estruturado: mobília confortável, materiais didáticos disponíveis, entre outros;
- ambiente estruturado: alunos em fila, proibições variadas, atividades restritas ou direcionadas, dentre outras;
- ambiente aberto: sala de aula centrada no aluno;
- ambiente fechado: sala de aula centrada no professor;
- ambiente simples/complexo: definido com base nas tarefas disponíveis para os alunos, em grau de facilidade ou dificuldade;
- ambiente inclusivo/exclusivo: definido com base na constituição de grupos de alunos para a execução de tarefas e a possibilidade de os alunos trabalharem sozinhos, sem intervenção explícita da parte dos professores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste primeiro texto da Disciplina Práticas Pedagógicas Orientadas apresentamos os procedimentos de estudo adotados para a análise das práticas de sala de aula desenvolvidas nas escolas. Tivemos, por objetivo, destacar as condutas e estratégias de estudo necessárias ao planejamento do trabalho que será desenvolvido no interior das escolas.

Apresentamos, também, os pressupostos teóricos sobre os elementos que estruturam a prática de sala de aula: o conhecimento a ser ensinado, a lógica de transmissão desses conhecimentos, as regras de conduta e de relacionamento entre professor e alunos e as que envolvem a organização do espaço. O estudo de cada um desses temas deve ser desenvolvido por meio da articulação entre teoria e prática. Essa articulação possibilitará a formação de profissionais reflexivos e críticos diante dos desafios inerentes à profissão docente.

Nos próximos textos, apresentaremos outros temas sobre a organização do trabalho na sala de aula, cujas formas de realização nas escolas deverão ser investigadas. Isso significa que proporemos novos problemas e atividades que exigirão, entre outros aspectos, observações, registro e análise da prática escolar. Afinal, nosso principal objetivo é privilegiar o olhar privilegiado sobre a escola, ao considerar a sala de aula como o lugar de construção de conhecimento e como lugar de práticas reflexivas. Pretendemos, dessa forma, contribuir para a investigação da complexidade da sala de aula e dos fatores que organizam e determinam os modos particulares dessa ação se realizar.

5. REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Basil .*A estruturação do discurso pedagógico*. Classe, códigos e controle. Petrópolis: Vozes, 1996.

ESTRELA, Maria Teresa. *Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Lisboa: Porto Editora, 1994.

FRANK, Carolyn. *Ethnographic Eyes: a teacher's guide to classroom observation*. USA: Heinemann. Chapter 4, 1999. (Texto traduzido por Adail. S. Rodrigues Jr)

GÓMEZ, Angel P. O pensamento prático do professor; a formação do professor como profissional reflexivo. In. NÓVOA, Antônio (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

HERNANDEZ, Fernando. *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NÓVOA, Antônio (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

RICARDO_BORTONI, Stella Maris. O professor pesquisador. Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOARES, Magda. Transformações e movimentos da escola no mundo atual. In: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, *Coleção Ciclo de Conferências da Constituinte Escolar*, 2000. (Caderno 3).





ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

Atividade 1

Leia todo o texto de Carlos Rodrigues Brandão, A turma de trás com atenção e aponte alguns aspectos da organização da sala de aula descritos pelo autor. Para isso, procure realizar as seguintes tarefas:

- faça um pequeno mapa da sala de aula, considerando o perfil dos alunos descritos pelo autor e analise que tipo de ambiente estrutura as relações em sala de aula;
- identifique regras utilizadas na sala de aula para o controle da disciplina dos alunos. Como Brandão interpreta os efeitos dessas regras punitivas?

Feita a leitura do texto de Brandão, formule algumas questões que gostaria de investigar na escola em que vai realizar o seu estágio.

Atividade 2

Prepare-se para o trabalho nas escolas, da seguinte forma:

- procure a Central de Estágio de sua faculdade e busque informações sobre as escolas que fazem parcerias com essa instituição. Informe-se sobre a documentação e os procedimentos necessários para a realização de estágios nas escolas;
- após selecionar a escola, faça contato com o diretor e coordenador pedagógico e marque uma visita para apresentar os objetivos deste trabalho e solicitar autorização para sua presença nessas instituições;
- caso o trabalho seja realizado em dupla com um colega, organize uma agenda comum apontando suas disponibilidades de estudo.



ESTUDO COMPLEMENTAR

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A turma de trás. In. MORAIS, Regis. *Sala de aula que espaço é esse?* Campinas: Papirus, 1995.

FREIRE, Madalena. Dois olhares ao espaço-ação na pré-escola. In. MORAIS, Regis. *Sala de aula que espaço é esse?* Campinas: Papirus, 1995.

SHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In. NÓVOA, Antônio (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ISBN 978-85-99372-94-4



O Curso de Pedagogia UAB UFMG proposto pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais visa à formação inicial de professores para a Educação Infantil e os quatro anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de um curso a distância, com momentos presenciais, desenvolvido pela UFMG em parceria com prefeituras de municípios onde foram criados os Pólos Municipais de Apoio Presencial, nos moldes definidos no Edital SEED/MEC no 1/2005, de 16 de dezembro de 2005.

O curso de Pedagogia UAB UFMG tem como referência o curso Veredas – Formação Superior de Professores, oferecido a professores da 1ª à 4ª série do ensino fundamental, em exercício nas redes públicas de Minas Gerais. O curso foi considerado, por educadores e entidades educacionais de renome, como inovador, tanto na concepção de formação de professores quanto na organização e dinâmica de gestão.

O Curso de Pedagogia UAB UFMG foi organizado na forma de um curso de graduação plena, distribuído em oito módulos, com duração prevista de quatro anos. Habilita para o exercício do magistério na educação infantil e nos quatro primeiros anos do ensino fundamental, de acordo com os requisitos contemporâneos para os profissionais da área de educação e as determinações legais vigentes no Brasil.

